

SEMIÓTICA DA SIGNIFICAÇÃO E A QUESTÃO DO DINHEIRO NA PRÁTICA RELIGIOSA DA IURD

PROF. DRANCE ELIAS DA SILVA¹

Resumo

Neste texto, um objetivo é norteador da reflexão: poder tratar objetos materiais que normalmente circulam no espaço religioso, como objetos que ganham significado e sentido. Tal objetivo se apresenta como algo que é próprio da preocupação semiótica: “A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”. (SANTAELLA, 1983: 13).

Palavras-chave: semiótica e religião, pentecostalismo, religião e dinheiro.

SEMIOTICS OF SIGNIFICATION AND THE QUESTION OF MONEY
IN THE RELIGIOUS PRACTICE OF THE IURD

Abstract

In this paper, one objective is a beacon for reflection: to be able to deal with material objects which normally circulate in religious space as objects which gain significance and meaning. Such an objective is presented as something that belongs to semiotic concern.: “Semiotics is the science which regards all possible languages as being the object of investigation, that is, having the objective of examining the modes of how any and all phenomena are constituted as a phenomenon of the production of signification and meaning”. (Santaella, 1983: 13).

Key-words: semiotics and religion, pentecostalism, religion and money.

1 Semiótica e a questão do dinheiro

1.1 O dinheiro como signo

Nessa reflexão poderemos apreciar, de forma direta, a relação entre religião, fé e dinheiro, que, articulados em torno de um tipo de discurso, obedecem a uma ordem de linguagem

que, uma vez reconhecida, garante a produção de seus próprios conteúdos. Essa ordem precisa ser decomposta em suas partes sígnicas, levando em conta o elemento central deste texto: o dinheiro. É o **dinheiro** como elemento concreto, porém na qualidade de signo, que ora apresentamos como **algo constitutivo da expressão da fé dos membros pertencentes à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)**. Nesse âmbito social-religioso, o dinheiro tem adquirido sentido de unidade e valor quando articulado com a realidade do mundo humano.

Considerando o campo religioso como produtor de sentido, onde a fala exerce importante papel de direção, por exprimir bem seus símbolos com vista à persuasão, a concepção de semiótica aqui a ser desenvolvida toma como objetivo a exploração do sentido. Isso implica dizer que tal concepção não se aterá à mera descrição de um processo de comunicação (transmissão de uma mensagem de um emissor para um receptor), mas, englobando-o, a concepção aqui proposta deve igualmente dar conta de um processo mais geral: o da significação. A semiótica da significação tem a função de **analisar o papel do signo na vida mental das pessoas envolvidas no processo de comunicação**.

Nosso interesse maior é entender como a mensagem pregada pela IURD sobre o dinheiro opera na mente dos fiéis. Posto isso, é importante que precisemos bem, desde já, nossa concepção de “signo” para que melhor fique compreendida a imagem com a qual vamos discernir o objeto até agora estudado.

O signo em primeiro lugar depende de algo que não ele mesmo. Ele é representativo, mas apenas de maneira derivativa, numa condição de subordinado. No momento em que um signo desliza para fora dessa subordinação, como acontece com frequência, aí então ele deixa de ser signo por algum tempo. Um signo visto em si mesmo não é visto como signo, muito embora possa sê-lo virtualmente. Em si mes-

mo, ele é um mero objeto ou coisa tornada objeto, esperando talvez se tornar um signo, ou talvez tendo antes um signo, mas em si mesmo não sendo um signo de maneira alguma. Um signo, então, é um representante, mas nem todo representante é um signo. As coisas podem se auto-representar na experiência. Na medida em que fazem isso, são objetos, nada mais, muito embora ao se tornarem objetos elas pressupunham signos. Para ser um signo, é necessário a representação de algo que não o próprio ser. Ser um signo é uma forma de prisão a um outro, ao significado, o objeto que o signo não é mas que todavia representa e substitui. (Deely, 1990: 54)

É por dentro dessa concepção de signo que objetivamos expressar o elemento “dinheiro” enquanto tal. Nesse sentido nós o conceberemos não apenas como algo que existe (coisa), nem muito menos apenas como algo que se manifesta para alguém (objeto): ele também se manifesta para alguém como representação de algo mais (signo). E qual o caminho plausível que a semiótica da significação nos pode oferecer, dentre tantos, que conduza, de forma satisfatória nossa análise?

No processo de semiose, existe um aspecto sobre o qual nos deteremos, que se denomina de “**resultado significado propriamente dito**”, e a isso Peirce chamou de interpretante.² Mas, o que é mesmo o interpretante de um signo? Segundo Deely, Peirce entendeu como sendo tudo aquilo que está explícito no signo em si mesmo, sem contar o contexto e circunstâncias de sua produção. É isso que constitui, para Peirce, o “resultado significado propriamente dito”. O que é importante para o interpretante de um signo é que ele seja o fundamento sobre o qual o signo pode ser visto como uma relação com algo mais, o significado.

Gostaria, em primeiro lugar, de tomar algumas imagens muito comuns ao pensamento dos fiéis da IURD acerca do di-

nheiro, e podermos perceber, já de início, uma certa mobilidade sgnica:

- O dinheiro é uma conquista
- O dinheiro representa a fé
- O dízimo (= dinheiro) levanta a igreja e a faz pregar
- Os dízimos (= dinheiro) abrem a igreja
- A oferta (= dinheiro) ganha almas
- O dízimo (= dinheiro) prende demônios
- O voto (→ dinheiro) põe o fiel em sacrifício
- O dinheiro liga a Deus
- O propósito (→ dinheiro) lança desafios e coloca Deus na parede
- O dízimo (= dinheiro) resgata a pessoa

O estudo semiótico tem como propósito investigar a ação dos signos. A nossa observação nos leva a essa compreensão, pois, de um lado, está o observador, e do outro, o observado. Essa relação quer concluir um tipo peculiar de ao, e correspond-la a um tipo de conhecimento que, na verdade, é a característica da semiótica. Há muito o mundo já tinha sido concebido como uma rede de comunicação, onde surgem sinais, imagens e trocas simbólicas.³ Nesse ínterim, o movimento de signos, como fluxo contínuo, invoca e chama a própria realidade para uma ação. Essa ação, partindo do ponto de vista do interpretante, é o significado: "Segundo Peirce, um signo é signo quando há alguém que possa interpretá-lo como signo de algo. Significado  então a interpretação desse signo, que, por sua vez, indica um objeto. O significado é a 'outra' face do signo, a face invisível, a 'outra' coisa pela qual está o 'algo'". (Epstein, 1997, p. 21) Assim, ao tomarmos o dinheiro na experiência da IURD como signo, não o estamos concebendo como um objeto, mas como uma função, isto é, a função sgnica. As observações

acima relacionadas em torno do dinheiro, apontam todas para fora dele, enquanto objeto. Por isso que, ao tratarmos de algo como signo, não estamos tratando-o como um objeto e suas propriedades, mas, fundamentalmente, como uma relação, uma função. Vejamos um pouco melhor o que isso quer dizer.

A imagem de que o dinheiro “prende demônios” representa algo que o dinheiro mesmo não faz. Nesse sentido, como uma representação mental, quer dizer, como uma realidade psicológica, ela pertence à ordem da existência subjetiva e não corresponde ao objeto imediato do dinheiro enquanto signo. A relação é sónica, pois compreende um significante e um significado; mas, dentro dessa ordem, o dinheiro também funciona para fundar uma relação com algo que não ele mesmo, isto é, aquela ação de “prender demônios”. Portanto, na mente dos fiéis, ao entrevistá-los, quando suas falas expressam como eles imaginam o dinheiro a partir do lugar em que estão, a condição na qual o dinheiro é inserido é, ao mesmo tempo, objetiva (conhecida) e física (algo existente além de conhecido). É isso que gera, por sua vez, o “resultado significado propriamente dito” do dinheiro enquanto signo. É interessante quando Barthes (1987, p. 39) em uma nota bastante curta, cita Santo Agostinho quanto à compreensão deste sobre signo: *‘Um signo é uma coisa que, além da espécie ingerida pelos sentidos, faz vir ao pensamento, por si mesma, qualquer outra coisa’*.

Quando da realização das entrevistas para compor este texto, estava interessado, em primeiro lugar, em saber, a partir do ethos presente na IURD (que é produzido, vivido, experienciado, transmitido), que associações provocava a palavra “dinheiro”; ou, como essas pessoas imaginam, a partir desse *locus*, o dinheiro.⁴ Não interessava, por exemplo, saber se o

⁴ Seria dizer que estávamos em busca de uma síntese intelectual, ou pensamento em signos, através do qual as pessoas (no caso os fiéis, pastores) representavam e interpretavam socialmente o significado.

dinheiro existe, se ganhavam muito ou pouco, se ofertam em grande ou pequena quantia, ou seja, contexto e circunstâncias em torno desse elemento não interessavam de imediato. Interessava, sim, esse “qualquer outra coisa” de Santo Agostinho; ou seja, não interessava se o dinheiro serve para comprar, pois isso é uma função que já lhe é correntemente atribuída. Interessava a mim, num primeiro momento, a refuncionalização (BARTHES, p. 45) que sofre esse signo no espaço da IURD; e num segundo momento, as imagens daí decorrentes, que sinalizavam significações, ou seja, representações da “coisa” que chamamos dinheiro, que, por sua vez, nada mais é que um mediador (referente). Acredito que isso seja uma expressão de interesse tanto da representação social como também da semiologia.

Voltemos àquelas imagens anteriormente citadas. Na imagem de que o dinheiro “prende demônios” que impedem a vida financeira de prosperar, aquele se apresenta, portanto, na condição de interpretante ⁵ do signo; ele é na realidade, o fundamento sobre o qual o signo (dinheiro) tem sido visto e, como isso implica uma relação, tal condição, como sendo de interpretante, deságua no significado; e este, por sua vez, tornar-se-á “Um signo relativo a outros elementos na experiência do intérprete, colocando em movimento a cadeia de interpretantes da qual se alimenta a semiose como um processo”. (DEELY, 1990, p. 46)



(dinheiro = objeto denotado = elemento constante no significado)

O que observamos, portanto, é que, decorrente de uma condição de representação (= interpretante), no caso, o dinheiro (= dízimo) “prende demônios”, este por si só, a partir da relação com o intérprete, que por sua vez considera já esse interpretante como signo, movimenta toda uma produção de interpretantes que, como dito acima, “alimenta a semiose como um processo”. Como poderíamos verificar isso?

Ao situarmos o dinheiro no vértice esquerdo do triângulo acima, na condição de relação com o seu objeto, ele representa seu objeto porque traz consigo, seja por convenção ou por meio de uma espécie de pacto coletivo, a determinação ou uma lei mesma de que aquele signo representa seu objeto. Assim, é verdade, num primeiro momento, que quando uso a palavra “dinheiro”, não estou falando do dinheiro que tenho em minhas mãos ou que esteja nas mãos de um amigo ou aquele que está no banco; mas me refiro a todo e qualquer dinheiro, ou seja, a um objeto carregado de sentido, parte de um sistema de relações sociais: “O objeto representado pelo símbolo é tão genérico quanto o próprio símbolo”. (SANTAELLA, 1983, p. 67)

Contudo, ao entrevistar membros institucionais de uma dada religião, e perguntar-lhes sobre “dinheiro”, perguntar-lhes sobre esse símbolo em tal experiência religiosa, os significados foram muito variados, como:

- Dinheiro = dízimo
- Dinheiro = prende demônios
- Dinheiro = oferta
- Dinheiro = fé
- Dinheiro = resgate da pessoa
- Dinheiro = sacrifício

Porém, todos esses e outros significados indicam uma outra coisa que o dinheiro em si mesmo não é, e são as diversas

necessidades e práticas significantes (tanto dos fiéis como da própria instituição através dos seus líderes) que os indicam, fazendo sentido a conexão entre símbolo e referente. Vejamos o que disse um membro/obreiro e candidato a pastor da Igreja Internacional da Graça de Deus – antes membro atuante da IURD –, rua da Soledade, Boa Vista, Recife.⁶

Muitos problemas financeiros advêm de espíritos imundos que trabalham nessa área. Eles podem mexer na sua situação financeira quando você não está atento à Palavra, quando não conhece e nem sabe o que é dízimo, não sabe o que é uma oferta, pois é, tudo isso aborrece os espíritos imundos. Nós denominamos eles de demônios: tranca rua, pombagira, etc. O setor financeiro nosso é atacado quando nós não sabemos das promessas do Senhor com relação a dízimos. (...) Uma senhora estava devendo umas contas, água, luz, etc., e ela foi dar o dízimo, e disse : se eu der o dízimo, eu não tenho como pagar essas contas, como é que eu faço agora ? E ela estava lá na fila para devolver o dízimo. E a cabeça dizendo: “não, tira esse dinheiro a mais que o pastor não sabe”; e a outra dizendo: “dê o dízimo, seja fiel”. Duas linhas de pensamento perturbando ela. Uma, ser honesta no dízimo; outra, dizendo retira, porque se tu deres o dízimo todo, tu não vai conseguir honrar tuas obrigações no comércio. Quando chegou a vez dela, ela disse: não, eu vou dar o dízimo. E aí ela deu o dízimo todo. Na hora que ela deu o dízimo todo, manifestou o demônio na vida dela. Na linha africana, o espírito chama tranca-rua. Esse que mexe com o comércio das pessoas . Manifestou na hora! O pastor reпреendeu aquele demônio na hora, pois foi ele que estava colocando nela “não dê o dízimo”. Resultado: pessoas que deviam a ela há seis meses, que ela nem se lembrava mais, essas pessoas vieram até ela e pagaram. Quer di-

zer, há seis meses esse espírito estava nela, trancando a sua vida e atrapalhando financeiramente; foi naquele momento de dar o dízimo, que se percebeu o justo e o pecador. E o Senhor naquela hora se manifestou com sua presença e repreendeu aquele espírito. Resultado: sobrou dinheiro para ela comprar aquilo, etc., e pagar suas dívidas (...).

A partir desse relato, poderíamos identificar o seguinte esquema argumentativo:

a) Problema financeiro:

- que advém de espíritos imundos
- que são demônios: tranca-rua, pomba-gira
- que mexe com o comércio das pessoas
- que atrapalha a vida financeira

b) O Dízimo (= dinheiro): no momento do dar acontece:

- o Senhor se manifesta com presença
- repreende o demônio
- situação financeira liberta
- dívidas são restituídas
- dívidas pagas
- sobra dinheiro

A pergunta norteadora/motivadora no processo das entrevistas para esse estudo era: **“O que significa o dinheiro para você?”**. A fala da entrevistada era tecida do lugar onde ela estava histórica e culturalmente situada no momento dado. As associações provocadas pela palavra “dinheiro” deixavam claro que advinham de hábitos culturais adquiridos no espaço religioso em que se vive uma experiência religiosa determinada; porém isso não quer dizer que todas as associações e/ou significados encontrados tenham esse mesmo lugar como originário. É claro que há também coincidência com experiências anteriormente vi-

vidas. Ao classificarmos semiologicamente o dinheiro como signo, estamos a apresentá-lo como uma noção abstrata, ou seja, que faz apelos sensoriais que podem manifestar-se, por exemplo, pela alegoria, metáfora ou alusão a uma mitologia. É por isso que a relação entre símbolo e seus significados sofrem mudanças constantes, fazendo que o significado ou significados fiquem mais ricos.⁷ Isto é o que no interessa verificar.

1.2 Dinheiro e significado

A pergunta sobre o significado do dinheiro (que constitui o plano de conteúdo) foi remetida para “dízimo”, “oferta”, “propósito”, “sacrifício”, “bênção”, como já o dissemos, mas, não somente a isso. Foi também remetida como indicadora de uma dada situação financeira particular, submetida a forças sobrenaturais que agem contrárias a um estado de bem-estar. Assim, outros signos foram sendo tecidos a partir da palavra “dinheiro”; e aqui voltamos à noção de interpretante que precisa ser retomada, sob a visão de Umberto Eco, quando diz: *“Todavia, a hipótese aparentemente mais fecunda é a que vê o interpretante como outra representação relativa ao mesmo objeto. Em outros termos: para estabelecermos o que seja o interpretante de um signo, é mister designá-lo mediante outro signo, o vez, outro interpretante, designável por outro signo, e assim por diante qual tem, por sua”*. (ECO, 1997, p. 25-26)

Uma situação financeira particular, como a exposta no depoimento anterior, o interpretante é tudo aquilo que se apresenta como representação em torno do “dinheiro”. Daí por diante, o processo de semiose passa a ser tomado quase como ilimitado, pois um sucessivo leque de outros interpretantes passa a compor um conjunto de significados que parece não ter fim.

Verifiquemos um pouco mais atentamente. Em uma certa manhã bem cedo, assistia a uma dessas reuniões da Universal,

no templo da avenida Conde da Boa Vista, local antes ocupado pelo Banco Bozzano Simonsen. Um prédio moderno situado bem no coração da cidade. Uma fachada toda em vidro fumê, piso de mármore espelhado e um sistema de ar-condicionado. Ao lado, o Banco Itaú, a Caixa Econômica Federal e bem defronte ao Banco do Nordeste de Desenvolvimento, outro de arquitetura moderna, suntuoso e num formato de uma caixa, aparentando uma leveza arquitetônica e, para admiração dos nossos olhos, parece estar suspenso no ar; apresenta-se de forma imponente como se fosse uma catedral e seus sinos, ao som de um tilintar de moedas. O templo da IURD parece se confundir com esses templos do capital monetário, que absorvem para si o dinheiro da cidade, como se fosse o manjar de deuses moedeiros; mas a sua distinção se apresenta bem de frente, escrita em uma faixa, ao confessar que é Jesus o Senhor, e que ali é uma casa de oração. A pomba como emblema aponta que tudo ali se decide pelo poder do Espírito Santo, e não pela face cunhada na moeda corrente. As reuniões nesse templo começam todos os dias às sete horas da manhã e vão até a noite. Pela parte da manhã, observei a participação de dois pastores na condução e direção das reuniões. Era dia dedicado à “Corrente da Prosperidade”. A leitura do Evangelho: Jo. Cap. 6 – O conhecido episódio da multiplicação dos pães.

Depois da leitura, o pastor começou a sua pregação. E dizia:

Como é possível com cinco pães e dois peixes, Jesus ter multiplicado, para que desse de comer a cinco mil pessoas? Como o Senhor fez isso? Isso não tem explicação gente, isso não pode ser explicado! Não temos palavra para explicar isso. É um milagre! E o milagre não tem explicação, ele acontece e pronto. É como uma pessoa que está com câncer, e com ela acontece um milagre e logo

depois, ela volta para o médico, e o médico faz o exame e vê que ela está curada. Ela não tem explicação para o que aconteceu.

Mas Jesus não fez isso sozinho, tinha um rapaz com ele, e que recolheu as primeiras ofertas e delas aconteceria a multiplicação. Vocês estão me entendendo, gente? Quem está me entendendo levanta a mão! Amém!

Aquele pouco que se tinha o Senhor multiplicou. E é isso que queremos que Ele faça conosco. Quem quer receber o dobro do que já tem, tem que ter fé, tem que se colocar à prova perante Jesus .

Temos que dar gente! E não é dar só aquilo que sempre deu! Temos que dar mais, ultrapassarmos isso que já damos. A nossa fé deve ser assim...

Eu não acredito que alguém não tenha nada para dar, até um mendigo tem alguma coisa para dar. Eu estou com esse envelope e vou perguntar quem tem para dar, quem tem fé e vai conseguir. Eu quero três pessoas de fé, e quer pegar esse envelope para trazer aqui na próxima Segunda feira, com cem reais dentro. Quem vem aqui com sua fé?

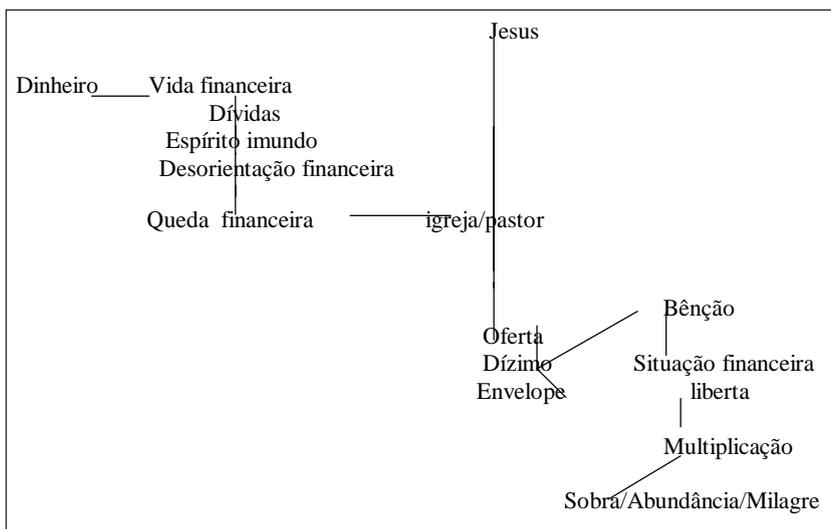
Nesse momento, levanta um homem e pega o envelope para dar cem reais. O pastor põe a mão na sua cabeça e começa a orar: *“Senhor, abençoa a situação financeira deste homem e que ele tenha o dobro do que ele vai dar em nome do Senhor Jesus”*. Continua o Pastor. *“Tenho aqui cinco envelopes. Quero cinco pessoas de fé para trazer na próxima segunda feira cinquenta reais. Quem tem fé aqui, gente?”* Três pessoas se levantam e pegam o envelope e o pastor abençoa cada uma colocando a mão na cabeça de cada uma e ora: *“Senhor, abençoa a situação financeira dessa mulher, que ela ganhe o dobro do que ela vai dar, em nome do Senhor!”*

E continua: *“Quero doze pessoas que possa trazer com sua fé na próxima segunda feira, trinta ou vinte reais”*. Depois

diminui o valor para dez reais e várias pessoas caminham até a frente. Para cada uma delas o pastor faz a mesma oração com as mãos postas por sobre a cabeça dos fiéis. O envelope devia ser trazido dentro da Bíblia no capítulo 6º do Evangelho de João, e o pastor daria a bênção para que a vida dos doadores seja próspera. Assim, todos com os envelopes nas mãos, o pastor pede que se levantem e façam seus pedidos a Jesus e em voz alta.

O pastor faz uma oração final. Em seguida, distribui o envelope do dízimo para trazer no domingo ou na segunda-feira. Depois, distribui uma chave (feita de papel) e lembra da campanha dizendo: *“o que está ligado aqui na terra será ligado no céu. Faça cada um o seu pedido do que você quer ligar para ser ligado no céu”*. E abençoa a todos.⁸

Entre o depoimento do entrevistado anteriormente citado e o discurso do pastor da IURD acima relatado, identificamos do ponto de vista da estrutura, uma forma constante de abordar um determinado problema, que nos parece típico do campo neopentecostal atual. Claramente, há através desses dois relatos, (i) a identificação de um problema na vida das pessoas (nos dois casos de ordem econômico-financeira), e (ii) o momento do dar (geralmente dinheiro), sempre em correspondência com a fé como mediação imprescindível para que haja a superação do problema específico e daí, a abundância/multiplicação/sobra. Ao observarmos bem, semioticamente, os dois sujeitos das referidas falas, o dinheiro, na condição de signo, é apresentado como uma linha que perpassa o tecido social pessoal/individual (ênfase maior aqui) e coletivo; e desenha, com isso, uma teia de significados como numa cadeia de coisas interligadas sem fim:



A vida financeira foi tomada por um poder estranho ao que rege a prosperidade: um espírito imundo tomou posse da vida financeira – é o “Devorador”. Como num rápido vôo de águia, eles se transportam e se instalam em um dos eixos importante da vida pessoal: a economia. Assim, o demônio, uma vez instalado, põe em prática seu projeto de debilitar a vida financeira desse indivíduo. A igreja (= pastor) ressalta que é preciso reconhecer e identificar o inimigo, para que o combate resulte no triunfo do redentor. E uma vez identificado onde fisicamente o demônio se “localiza”, e afirmando Deus como elemento positivo, potência superior à do demônio que, destinado a vencer, entra em cena como um outro elemento que, mais que restituir a vida financeira “amarrada”, restitui ao fiel a possibilidade de adequação ao projeto divino: a oferta.

Através do desenho discursivo que o interpretante dinheiro assume, ao circular no espaço religioso neopentecostal, percebe-se como este ganha não só significados diversos, mas sentido, à medida que esse discurso religioso em torno do dinheiro, como aqui entendido por nós, seja visto e entendido como responsável por/produtor dessas significações.

Nesse sentido, para um determinado fiel da IURD, importa o significado que, naquele momento historicamente determinado de sua vida em experiência religiosa, esteja-se atribuindo ao dinheiro, bem como as conotações que estão a envolver esse referente. O lugar, o momento, as circunstâncias em que se encontra o fiel, se bem captados pelo dirigente da fala em torno do referente, produzirá progressivamente uma aceitação tácita de sentido que, dificilmente, o sujeito (= fiel) encontraria fora de sua pertença ao grupo de que agora participa (como não encontrara em sua pertença religiosa anterior). Como afirma Epstein, (1997, p. 23), o significado de uma palavra

Depende de quem a usa, quando a usa, onde, com que objetivos, em que circunstâncias e com que sucesso, ou como diz Wittgenstein: 'para um grande número de casos – se bem que não para todos – nos quais empregamos a palavra significado, este pode assim ser definido: o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem.

Isso tem uma explicação, do ponto de vista teórico, se levarmos em conta a questão da “formação discursiva” em que o discurso religioso encontra-se inserido. Ao tomarmos o lugar da fala do dirigente (= pastor=igreja), a formação discursiva compreende o que o sujeito pode e deve dizer em uma determinada situação bem como em uma determinada conjuntura, de forma que, “Remetendo seu discurso à ideologia, essa formação fará que suas palavras tenham um sentido e não outros possíveis. É pela remissão à formação discursiva que se identifica uma fala”. (ORLANDI, 1987, p. 17-18)

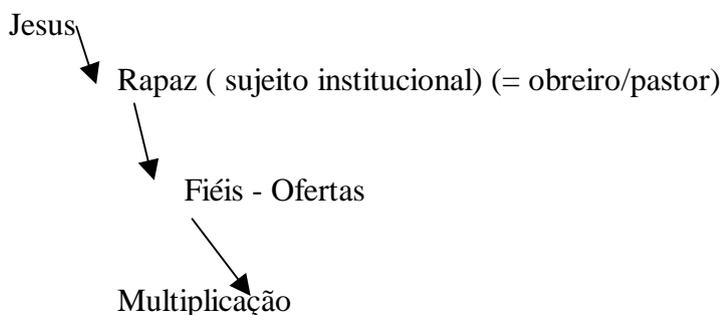
Na experiência iurdiana, a fala tecida em torno do dinheiro, se dá a partir de uma formação discursiva que, a nosso ver, pode ser entendida como uma “gramática” para a produção de nossos sentidos. Assim, podemos observar que, quando se fala “colo-

car Deus à prova”, deve-se ler *exigir o que foi prometido*; quando se fala de “fidelidade/infidelidade”, deve-se ler *quem paga e quem não paga*; quando se fala de “fazer um propósito”, deve-se ler *determinar um valor em dinheiro*. Isso explica nossa atitude metodológica, seja vinda da teoria da representação social como da semiótica da significação, isto é, procurando sempre entender de uma outra forma o que se diz, face a essa característica de sobreposição de quê apresenta-se como dominante na formação discursiva da Igreja Universal do Reino de Deus.

2 Sobre o discurso religioso

O discurso religioso caracteriza-se como aquele em que fala a voz de Deus: a voz do pastor, do pregador, ou em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus. Se voltarmos nossa leitura ao discurso do pastor anteriormente descrito em torno de sua compreensão sobre a “multiplicação dos pães” de João, Cap. 6, ele dizia, num determinado momento: *Mas Jesus não fez isso sozinho, tinha um rapaz com ele que recolheu as primeiras ofertas e delas acontecia a multiplicação*.

A seqüência presente no discurso é a seguinte:



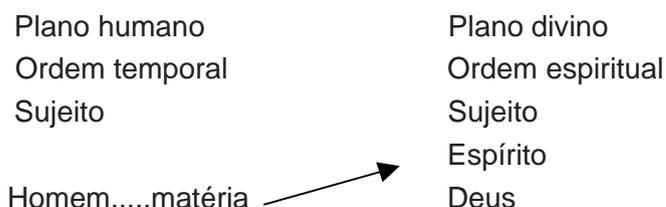
O que nos sugere a seqüência acima, típica desse tipo de discurso, é que existe um desnivelamento na relação entre locutor e ouvinte (o pastor/pregador e os fiéis): o locutor – fundamentalmente mediador na relação com o divino –, como portador da voz do “dono”(Deus), encontra-se legitimado, por isso tomando parte do plano espiritual; e o ouvinte encontra-se identificado, nessa relação, com o plano temporal. Os fiéis, na condição de ouvintes, relacionam-se com Deus através da mediação institucional eclesiástica, pois se colocam e se apresentam como quem recebe diretamente de Deus a “voz”. “O locutor e o ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e são afetados por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal”. (ORLANDI,1996, p. 243)

Desse tipo de relação, observa-se, então, que, sendo o locutor quem recebe de Deus a voz diretamente – e não só isso, sendo também quem recolhe as ofertas (=dinheiro), situa-se, do ponto de vista do conhecimento e do poder, mais legitimado, com mais verdade sobre o que diz de qualquer coisa e, mais que isso, legitimado para alçar uma quantia em dinheiro como desafio a ser vencido para obtenção de prosperidade financeira:

- “Aquele pouco que tinha Jesus multiplicou”.
- “Temos que dar gente, e não dar só aquilo que sempre deu”.
- “Temos que dar mais...”.
- “Eu não acredito que alguém não tenha nada para dar...”.
- “Estou com esse envelope e vou perguntar quem vem para dar”.
- “Eu quero três pessoas de fé(...) para trazer aqui(...) cem reais”.
- “Senhor, abençoa a situação financeira desse homem e que ele tenha o dobro do que ele vai dar em nome do Senhor”.

O ouvinte, o fiel, apresenta-se como destituído de poder e tão somente expressando suas demandas para serem urgentemente resolvidas. Subjacente a esse tipo de discurso, observamos ainda que a religião – como uma forma de representação –, abarca duas dimensões: a de concepção de mundo e a de atitude prática. Respectivamente, filosofia e senso comum.

É desse dualismo que o discurso religioso se compõe, e é com esse esquema que observamos o dinheiro enquanto signo ser tratado, na experiência religiosa iurdiana:



Por estar o dinheiro situado no plano humano não quer dizer que seja negado. Enquanto símbolo, é revestido de conteúdo (= imagens sógnicas) que o joga para cima, no momento da bênção, transformado semioticamente em novos interpretantes, agora pronto “a produzir [efeitos] numa mente interpretadora qualquer”, como oferta/propósito/desafio/sacrifício/dízimo...numa série indefinida.

2.1 O discurso, a fé, o dinheiro

Há um outro elemento importante que se mostra constitutivo dessa formação discursiva, mas, não obstante, é parte do objeto imediato (o percebemos por dentro do signo) e se encontra representado no signo. Ele não é só um elemento constitutivo de um tipo de discurso que se verifica em um processo de análise

discursiva. Ele é mais. Refiro-me ao elemento “Fé”, recorrentemente associado à ação de dar:

- “Tem que Ter fé”.
- “A nossa fé deve ser assim...”.
- “quem tem fé”.
- “Quem vem aqui com sua fé”.
- “Quero cinco pessoas de fé”.
- “Trazer com sua fé”.

A fé está tomada pela hierarquia religiosa como elemento fundante da ação no cotidiano dos fiéis. Todo o jogo econômico do discurso encontra-se amarrado sistematicamente pela fé.

A fé participa no processo de semiose modificando a natureza do elemento principal do nosso estudo, o dinheiro. Isto é, esse “modificar” é um remeter tal objeto a um outro significado para fora dele mesmo, levando-o a constituir-se em um signo. O que afirma a fé? Segundo o bispo Macedo,

Que o dinheiro é o sangue da Igreja, pois, carrega consigo parte das vidas das pessoas (tempo, suor, inteligência e esforço para ser conseguido). (MACEDO, 1996, p. 21)

A fé, no entrelaçar das palavras que soam do púlpito como sendo voz de Deus, e tendo como referência imediata situações financeiras desajustadas, fracassadas, miseráveis e amarradas pelos demônios – o que sustenta o tom econômico perante os fiéis –, parece representar o objeto imediato aqui estudado. Mesmo porque ela é ainda hoje a grande reserva subjetiva que cada pessoa tem (o sentido aqui é antropológico, isto é, enquanto elemento vital e constitutivo da pessoa humana),⁹ sinônimo fundamentalmente de confiança. No espaço religioso, ela é

disponibilizada gratuitamente e revestida, assim, de uma nova qualidade com base agora, em conteúdos tipicamente religiosos e específicos de uma determinada doutrina. Nesse sentido, ela é suporte para uma esperança de bem-estar econômico a ser alcançado, pois é veículo impulsor da ação no cotidiano. Na experiência que observamos na IURD, o tamanho dessa fé é medido com o tipo de sacrifício que o fiel a ele mesmo se impõe ou é lançado pelo pastor, como desafio. Se a questão é prosperidade econômica, sacrifício¹⁰ é sinônimo de dinheiro, e o desafio é alçado num valor pelo dirigente do culto. A salvação não vem nunca pelo dinheiro, mas pela fé; contudo o dinheiro é expressão dessa fé, representa-a. A fé que se expressa no espaço iurdiano também tem seus ícones, que são veículos comunicacionais em torno de nosso referente. Citemos alguns exemplos.

1. O envelope do “dízimo dobrado”, medindo 21cm de altura por 31cm de comprimento, com um número 10 tomando conta de todo o envelope, indicando a referência do profeta Malaquias cap. 3,10 e grampeada uma tarja com o dizer: “Dízimo da Justiça”.
2. Um outro envelope, um pouco menor, estampa o dizer, em letras garrafais: “Esta é a minha vergonha. Porque, aonde iria eu com a minha vergonha?”.
3. Um outro ainda traz o desenho da bíblia aberta, por trás desta raios de luz e o dizer: “O dia da prova”.
4. Há também o desenho de uma rosa com sete espinhos num envelope, e o pedido de sete reais; pois, a cada espinho(=dificuldade) corresponde um real.
5. Uma chave feita com papel laminado e distribuído a todos, medindo 13cm de comprimento e assim explicada: “A chave indica que o que ligarmos na terra

será ligado no céu, devemos nela escrever apenas o que se quer ver ligado no céu”.

6. Um coração feito de papel jornal, que deve ser trazido numa próxima reunião juntamente com um real, para ser abençoado (o dinheiro é pedido para cobrir as despesas com os jornais dos quais foram confeccionados os corações).
7. Distribuição de saquinhos com líquidos, sendo um com líquido incolor(água) e outro, com um líquido cor vermelha; o fiel deve levar para casa e misturar os dois, e em seguida, jogar por cima daquilo que se quer ver prosperar.

3 Outros objetos signos e sua relação com o dinheiro

O que se verifica com isso tudo é que esses objetos/signos formam ou se expressam como uma extensão dentro do processo de semiose em torno do dinheiro. Não são coisas sem importância ou fúteis como aparentam ser, pois se constituem como “ferramentas” de um trabalho, de um trabalho de representação simbólica maior; poderíamos dizer ainda, uma mediação signíca que tem, como pano de fundo, necessidades humanas que se deseja alcançar, tais como prosperidade financeira, ou possuir algum outro bem material que seja, naquele instante, expressão de carência individual ou coletiva. *“Todos os objetos são apanhados, no compromisso fundamental de ter de significar, quer dizer, conferir o sentido social (...)”*. (BAUDRILLARD, 1995, p. 13)

Uma rosa, um envelope, um saquinho com água, um martelo para bater no demônio, uma porta para passar por ela, correntes de papel, saquinhos com sal e tantos outros objetos, mesmo que sejam vistos e entendidos como uma operação técnica ou mágica, *“ganham o seu sentido na relação econômica do homem com o ambiente circundante”* (Ibid. p. 9). E o ambiente que

envolve toda essa dança simbólica é religioso, evangélico e pentecostal. O demônio está solto e amarrando nossas vidas. “Sai ! Sai ! Sai ! Queima ! Queima ! Queima !” – é o grito de exorcismo que põe em xeque o que seria a verdadeira causa de qualquer miséria que se esteja vivendo.

O testemunho também compõe o quadro sintagmático funcional, haja vista fazer parte constante da organização do ambiente que se prepara não só para expressar o litúrgico, mas alguma coisa de pertença social que ali se experencia: tudo, mais que religioso, traz significação social, pois revela relação, identidade, saber e poder. E aqui eu gostaria de trazer o aspecto ideológico. A rosa com espinhos, o envelope, correntes de papel, saquinho com sal, uma chave de papel são todos objetos físicos enquanto tal, mas, ao compor o ambiente sagrado, tornam-se símbolos religiosos que comporão, como objetos-signos, um processo de ação também signica, em direção a uma perspectiva de mudança de situação. Nesse sentido, esses objetos transformam-se em signos ideológicos:

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (BAKHTIN, 1997, p. 32)

O valor semiótico é valor de função e de significação. Se alguma coisa reflete e refrata uma outra realidade, eis aí a eficácia ideológica dessa coisa transformada em signo. É isso que acontece com o dinheiro no espaço iurdiano:

Costumo afirmar que o dinheiro é o sangue da igreja, pois carrega consigo parte das vidas das pessoas (tempo, suor, inteligência e esforço para ser conseguido). (MACEDO, 1996, p. 21)

É isso que se passa nesse campo de criatividade, pois o espaço iurdiano, a partir do que verifiquei das reuniões nos templos, é de uma produção de criatividade constante. É, a sua maneira, uma orientação para a realidade. Assim, o que se esconde por trás da rosa com sete espinhos (= para cada espinho, um real sacrifício sete reais no envelope) tem sua incidência na realidade individual que não objetiva apenas a consciência, mas a própria realidade material/social mesma; e o desejo que subjaz é sempre positivo, pelo menos no espaço da IURD, onde a fé é positiva e a tudo está ligada intimamente, ao ponto de a fé ser entendida como uma correia de transmissão que movimentava o mundo material, conferindo-lhe novo sentido e significado:

É fundamental dinheiro e fé. O que adianta você ter uma porção de dinheiro e você não ter fé? Dinheiro é uma coisa material, a gente não deve dar muita importância. A fé é que produz tudo isso, isto é, a conquista pelo dinheiro. Se você não tem fé, o dinheiro possa ser que venha, mas não vai ser abençoado com certeza(...). Se você não colocar a fé em primeiro plano, esse dinheiro não tem sentido. (Entrevista)

A fé, como correia de transmissão que movimenta o mundo material dos crentes iurdianos, nada mais é do que ação. O processo de semiose, já deixamos dito nesse capítulo, trata da ação dos signos. E como disse Deely (1990, p. 46), se o futuro exerce influência sobre eventos no presente, tem-se com certeza a semiose. Esta nunca se acha confinada àquilo que foi ou é, mas emerge exatamente na fronteira entre o que é e o que pode ser, ou ainda, o que poderia ter sido. E conclui o autor, dizendo:

Os signos lingüísticos podem muito bem ser 'o fenômeno ideológico por excelência', como disse Volosinov, mas a ação dos signos vai muito além do que chamamos 'língua', mesmo que seja pela língua que esse campo de ação signica nos é revelado (Ibid. 1990, p. 46).

E aqui volto a colocar, tudo isso se verifica em torno do dinheiro, primeiro que tudo, porque este enquanto realidade material e subjetiva, é invenção humana e por isso se inclui no processo sógnico em que se encontra envolvido o ser humano. Assim, a própria interação entre a pessoa humana e o ambiente físico, respectivamente entre o fiel e sua freqüência ao templo e tudo o que ali se oferece, vai fazendo emergir sempre mais fios que o ligam, dentro de um processo, a outros fiéis e ao próprio templo. De um ponto de vista de antroposseiose (nível mais alto de semiose, incluindo todos os processos sógnicos em que os seres humanos se envolvem), essa ligação não se encerra a um determinado mundo específico, mas ganha sentido mais amplo.

Ao investigarmos o dinheiro como componente simbólico dentro do espaço religioso da IURD, constatamos, então, que, subjacente ao processo de interligações que ele provoca, o destino não é o limite da posse sobre o mundo das coisas, mas,

como força de ação juntamente com a fé que o dinheiro representa,¹¹ o destino é a posse da totalidade do mundo com todas suas riquezas que pertencem à voz do dono: o Verbo criador. É muito comum ao assistirmos um culto da Universal, vez por outra um pastor conclamar a todos que venham tomar posse de todas as coisas e inclusive daquelas que um dia perderam.

Esse “tomar posse” não tem limite, haja vista que todas as riquezas criadas por Deus existem para serem usufruídas, realizando, assim, a felicidade esperada da parte do crente e cumprindo a justiça de Deus, cuja sua vontade, que a pessoa humana, para ser feliz, deva possuir e desfrutar dos bens desse mundo.¹²

O que estou pretendo dizer com isso é que, no dinheiro, os fiéis da IURD projetam também o seu desejo de posse, pois, claramente observa-se que através da relação com esse objeto, há uma realização do espírito, isto é, o espírito se encarna nesse objeto, tornando-o um veículo através do qual se atribui atividade, levando as pessoas, muitas vezes, a ir “além”. Dinheiro e fé no espaço iurdiano assim se constituem em uma ação sínica, pois, nesse espaço, revelam-se e se apresentam como uma expressão adequada da relação do homem com o mundo.

De modo, nesse processo de semiose, o dinheiro se revela como signo através dos fiéis que se vêem como filiados a um determinado grupo/ instituição. Isso põe, de forma clara, o dinheiro como signo revestido de outros significados atuando como signo de pertença social. É nesse sentido que ele ganha sua dimensão sociológica, pois, como um objeto através do qual se revela um trabalho simbólico, percebemos que há uma identificação social que fala, é iurdiana, e nela o dinheiro ocupa um lugar numa ordem e muda a cada instante, conforme a estratégia mais conveniente à instituição.

Notas

- ¹ Prof. Adjunto do Departamento de Teologia e Ciências da Religião (UNICAP). Doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociologia (UFPE). E-mail: luanluan@elogica.com.br
- ² “O interpretante imediato consiste naquilo que o signo está apto a produzir numa mente interpretadora qualquer. Não se trata daquilo que o signo efetivamente produz na minha ou na sua mente, mas daquilo que, dependendo de sua natureza, ele pode produzir. Há signos que são interpretáveis através de experiência concreta ou ação; outros são possíveis de interpretação através de pensamentos numa série infinita”. (Santaella, 1983, p. 60)
- ³ Nesse sentido, em relação aos estudos semiológicos, segundo Eco (1997, p. 3), todos os fenômenos culturais são estudados “como se fossem sistemas de signos” e, assim, também de comunicação.
- ⁴ Seria dizer que estávamos em busca de uma síntese intelectual, ou pensamento em signos, através do qual as pessoas (no caso os fiéis, pastores) representavam e interpretavam socialmente o significado.
- ⁵ “O interpretante é aquilo que garante a validade do signo mesmo na ausência do intérprete”. (Cf. Eco, 1997, p. 25)
- ⁶ Esse depoimento decorreu da seguinte pergunta: “O que você acha dessas críticas feitas às Igrejas Neopentecostais de só se preocuparem com dinheiro?”.
- ⁷ “O fato de os símbolos representarem uma idéia abstrata por meio de um objeto concreto faz com que estes conceitos fiquem mais tangíveis, daí a utilização dos símbolos nos movimentos de massa pela sua potencialidade em mobilizar as pessoas”. (Cf. Epstein, 1997, p. 59)
- ⁸ Essas reuniões que acontecem bem cedo da manhã, observei, são frequentadas, na sua maioria, por pessoas que estão dirigindo-se aos seus locais de trabalho. Pelo fato de o templo se situar bem no coração da cidade, muitos são comerciantes, e um número grande de mulheres. Durante todo o dia, as reuniões vão-se dando uma após outra, até à noite.
- ⁹ Como dimensão antropológica, a fé constitui-se em um elemento vital e essencial. Ela atua como defesa, crescimento da vida. Sem dúvida alguma, ela é uma componente indispensável de toda existência humana. Nesse sentido, a fé tem a função de estruturar significativamente a existência, pois articula o mundo dos valores, elaborando critérios para que se possa aceitar ou rechaçar certos referenciais, que poderão constituir-se em sentido para a vida. Nesse sentido, a fé necessariamente não está para a religião, assim

como o movimento desta não segue necessariamente o da fé. (Cf. Derrida; Vattimo, 1997, p. 49)

- ¹⁰ “Aqui, o dinheiro ofertado para o sustento de Paulo, que estava fazendo um trabalho missionário, abrindo igrejas na Ásia Menor e na Europa, foi considerado como sacrifício aceitável e aprazível a Deus”. (Cf. Macedo, 1996, p. 8)
- ¹¹ “Enquanto objeto visível, constata Simmel, o dinheiro é a substância que encarna o valor econômico abstrato, da mesma forma que o som das palavras, fenômeno acústico e fisiológico, só tem significado através da representação que carrega ou que simboliza”. (Cf. Moscovici, 1992, p. 286)
- ¹² “Ora, os membros da Igreja Universal do Reino de Deus são, em geral, muito pobres ou miseráveis. Experimentam o desemprego, doenças, problemas familiares e de moradia etc. Vivem, portanto, enquanto privados de posse, a situação diametralmente oposta àquela que Deus lhes destinou. São chamados a possuir por vocação teológica; vivem a ausência da posse por situação econômico-política. Está, portanto, estabelecido o paradoxo religioso que explica toda a prática e o sucesso, da Igreja Universal e, por extensão, das novas seitas populares em geral”. (Cf. Gomes, 1993, p. 51). O autor menciona, em nota sobre o verbete “miseráveis”, uma pesquisa realizada em Salvador no ano de 1989, sob sua coordenação, na qual encontrou que quase 50% dos fiéis da IURD são mulheres; destas, a pesquisa indicava que 69,67% não trabalhavam fora de casa, o que conclui que não percebiam salário para se manterem. E mais. O autor observava ainda que 30% daquelas que trabalhavam fora de casa, apenas 5% dessas, ganhavam mais de um salário mínimo. Conclui o autor em sua nota que, no cômputo geral, em se tratando de renda familiar, isso ficava em torno de um a dois salários mínimos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Rio de Janeiro: ELFOS, 1995.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: CULTRIX, 1987.

DEELY, John. **Semiótica básica**. São Paulo: ÁTICA, 1990.

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. **A Religião**. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

EPSTEIN, Isaac. **O Signo**. São Paulo: ÁTICA, 1997.

GOMES, Wilson. **Demônios do fim do século**. Curas, ofertas e exorcismos na Igreja Universal do Reino de Deus. Salvador: Cadernos do CEAS, julho/agosto de 1993, n° 146.

MACEDO, Edir. **Vida com abundância**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1996.

_____. **O perfeito sacrifício**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1996.

MOSCOVICI, Serge. **A máquina de fazer deuses**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Palavra, Fé, Poder**. Campinas, São Paulo: 1987.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. Campinas, São Paulo: 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.